



## *A epidemia de cólera na Madeira em 1910-1911*

### *O envio de tropas para a ilha*

**Trabalho prático apresentado na disciplina de Métodos em História / O Estudo da História, regida pela Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria de Fátima Reis**

António Grazina nº

António Miguel nº 48682

Cristiano Janes nº 48303

Gonçalo Cândido nº 47133

Filipe Cardoso nº 48782

**Lisboa, 8 Novembro de 2012**

O fim da Monarquia e a instauração da República a 5 de Outubro de 1910 tiveram um tremendo impacto no povo português, provocando fortes clivagens políticas e sociais que resultaram em vários episódios tensos. Um foco de crise eclodiu logo em Outubro desse ano, na Madeira, que enfrentou um surto de cólera que ultrapassou a capacidade de resposta das autoridades locais. Sentindo-se desamparados pelo governo central, por culpa da “indesculpável forma que as autoridades de Lisboa ignoraram todos os apelos de assistência”, o que levou “ao esgotamento de anti-sépticos, graças à negligência do governo da República”<sup>1</sup>, os madeirenses revoltaram-se.

Para combater o surto, e como na ilha “a situação política piorava diariamente devido à apatia do Governo de Lisboa e a completa estagnação de todas as indústrias”<sup>2</sup>, o governo da República acabou por enviar uma delegação onde se incluía uma equipa médica chefiada pelo Dr. Alfredo Magalhães. No local, a delegação foi confrontada com uma situação de instabilidade político-social que não permitia a implementação das medidas médicas necessárias para erradicar a doença.

A origem da epidemia nunca foi esclarecida, tendo o primeiro caso suspeito surgido no Funchal a 20 de Outubro de 1910, “segundo-se-lhe outros casos, um deles fulminante”<sup>3</sup>, segundo explica José Maria Teixeira Júnior, sub-delegado de saúde que liderou o combate à epidemia no concelho de Machico. Porém, e como em toda a região eram comuns as enterites, percebeu-se que os primeiros casos de cólera foram considerados diarréias vulgares, razão pela qual não foi possível apurar a origem da epidemia.<sup>4</sup> O auge deste surto aconteceu a 9 de Dezembro de 1910, com 79 casos.<sup>5</sup>

Com o objectivo de restabelecer a ordem pública, essencial para conseguir eliminar o surto de cólera, foi decidido enviar um contingente militar para a ilha. Foi destacado para esta missão um batalhão de “Caçadores 6”<sup>6</sup> constituído por 700 homens repartidos em quatro companhias de atiradores e uma de metralhadoras. Contudo, a atitude da

<sup>1</sup> STEVENS, HENRY, *The Cholera in Madeira*, *The British Medical Journal*, exemplar policopiado disponível em PDF em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2332581/pdf/brmedj07812-0050b.pdf>, 7 Janeiro de 1911

<sup>2</sup> Idem, *ibidem*

<sup>3</sup> TEIXEIRA JUNIOR, José Maria Rodrigues, *A cholera: impressões da epidemia da Madeira de 1910-1911. Noções d'epidemiologia*, Dissertação Inaugural para a Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, exemplar policopiado disponível em PDF em <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/17489>, Repositório Aberto da Universidade do Porto, 1911

<sup>4</sup> Idem, *ibidem*

<sup>5</sup> Idem, *ibidem*

<sup>6</sup> *Brasil - Portugal: revista quinzenal ilustrada*, CASTILHO, Augusto de, 1841-1912, dir. publ.; Hemeroteca Digital, nº 288

população perante semelhante força armada foi de desconfiança e medo: “O povo, que de bordo tínhamos avistado, refugiou-se em suas casas logo que os primeiros soldados puseram pé em terra, e não era pequena a sua desconfiança nos primeiros dias”<sup>7</sup>, conforme relata o então Capitão Gomes de Sousa.

A desconfiança dos madeirenses perante a chegada do batalhão resultava de uma experiência anterior com os marinheiros do cruzador “Almirante Reis”. À chegada à ilha, o comportamento destes terá sido deplorável ao ponto de colocar em causa a integridade física dos habitantes e destruírem património histórico e religioso. “A ilha estava em rebelião”, explica Gomes de Sousa nas suas memórias, onde lembra que o forte contingente de 700 homens esperava o pior antes de desembarcar. Quando se aproximaram do porto, na tarde de dia 8, “vimos grande quantidade de povo à beira-mar, restando-nos saber qual seria a sua atitude. Aproximava-se do nosso transporte um pequeno barco com o Delegado do Governo e então reconhecemos que as informações fornecidas em Lisboa eram exageradas e quase sem fundamento”.<sup>8</sup>

Com os receios em relação à população a resultarem infundados, a maior dificuldade encontrada pelo contingente acabou por ser o desembarque de material, já que não havia cais acostável. Só terminou às três horas da madrugada. Além disso, e já depois do desembarque, “com o rijo calhau da beira-mar, ensebado pelo escorregamento das carroças empregadas nos transportes, não foram pequenos os trabalhos para conduzir até às cavaliariças os solípedes que ainda não dispunham duma ferragem apropriada”.

Em contraste com as dificuldades sentidas pelo contingente na chegada à Madeira, esteve a disseminação da cólera na região, com uma conjugação de factores a levarem a uma forte propagação da epidemia. José Maria Teixeira Júnior explica<sup>9</sup> que a evolução da cólera depende sobretudo do “estado de civilização do povo, das suas condições higiénicas e das medidas sanitárias postas em prática”. Além disso, a “ignorância quase primitiva e o extremo fanatismo religioso do vilão [gente do campo] madeirense” levaram a que muitos dos afectados não acreditassesem que a doença fosse contagiosa e que esta se devia apenas “à maldade dos homens”. A própria desconfiança da população levou a que muitos recusassem o tratamento assim como o internamento, sendo que “a

---

<sup>7</sup> GOMES, de Sousa, *Meio Século de Vida Militar 1888 – 1938*, Coimbra, Coimbra Editora, 1938

<sup>8</sup> Idem, *ibidem*

<sup>9</sup> TEIXEIRA JUNIOR, José Maria Rodrigues, *op. cit.*, passim

velhice, a miséria fisiológica, o alcoolismo” e as condições higiénicas foram igualmente factores-chave para a disseminação do surto.

Para contrariar a evolução da epidemia, além do internato hospitalar e do isolamento a que várias centenas de pessoas foram submetidas, houve “a proibição de festas, feiras, romarias, etc... em que a aglomeração de gente seria um perigoso meio de disseminação da doença”<sup>10</sup>, foram também postas em prática rigorosas medidas higiénicas, conseguindo-se “finalmente à custa de uma insistente propaganda” convencer até os mais desconfiados que se dirigessem aos locais próprios requisitar medicamentos gratuitos.

Os madeirenses mais afectados pela epidemia aqui relatada foram assim, os cidadãos que viviam em condições mais precárias. “É essencialmente uma doença dos pobres. Tudo neles concorre para os tornar aptos a serem seus tributários: falta de higiene, excesso de trabalho etc...”<sup>11</sup> explica Teixeira Júnior A constatação do sub-delegado de saúde de Machico fica evidente quando o mesmo analisa o impacto da cólera em Santa Cruz e Machico, vilas vizinhas. Segundo relata, “enquanto Machico é uma vila de pescadores, suja, pobríssima, Santa Cruz é, ao contrário, limpa, aristocrática, com belas casas”. Em resultado, na primeira foram registados 269 casos ao passo que em Santa Cruz apenas 91, apesar de contar com mais população.

No total, e segundo o boletim oficial do Chefe dos Serviços Sanitários da ilha da Madeira, entre 14 de Outubro de 2010 e 6 de Fevereiro de 1911, “ultimo dia em que se registou um caso bacteriologicamente confirmado”, foram registados 1769 casos de cólera, dos quais resultaram 556 óbitos, uma taxa de mortalidade de 31,4%. Entre os concelhos madeirenses, o Funchal foi o que registou mais casos e óbitos, com 635 e 210 respectivamente, sendo que foi na Ponta do Sol que se registou a maior taxa de mortalidade, com 36,4%, já que dos 195 casos confirmados, 71 resultaram em mortes.

Apesar da alta taxa de mortalidade causada por este surto, ao longo da nossa pesquisa não foram encontrados muitos registo que se tenham debruçado exclusivamente ao assunto, o que nos leva a concluir que este episódio ainda poderá estar à espera de um estudo aprofundado, motivando por isso a vontade de o retomar em trabalhos posteriores.

---

<sup>10</sup> TEIXEIRA JUNIOR, José Maria Rodrigues, *op. cit.*, p. 7

<sup>11</sup> Idem, *ibidem*, p. 9

## **Lista Bibliográfica**

### **1. Bibliografia Geral**

#### **1.1. Fontes**

*Brasil-Portugal : revista quinzenal ilustrada*, CASTILHO, Augusto de, 1841-1912, dir. publ.; Hemeroteca Digital, nº 288

#### **1.2. Obras de Referência**

MARQUES, A. H. de Oliveira, *Ensaios de História da Primeira República*, 1ª edição, Lisboa, Livros Horizonte, 1988

#### **1.3. Obras Gerais**

RAMOS, Rui, *História de Portugal Vol. 6 - A segunda Fundação* (1890-1926). Direcção de José Mattoso. Coordenação Rui Ramos, [Lisboa], Editorial Estampa, imp.1994

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, 3ºedição, vol. XI, [Lisboa], Verbo, imp. 1991

VIEIRA, Joaquim, *Portugal no século XX. Crónica em imagens*, vol. II (1910-1920), [Lisboa], Círculo de Leitores, 1999

### **2. Bibliografia Específica**

MARTINS, Teresa Florença, *O Movimento Republicano na Madeira 1882 – 1913*, Região Autónoma da Madeira, Centro de Estudos de História do Atlântico, 2004

STEVENS, Henry, *The Cholera in Madeira, The British Medical Journal - Correspondence*, exemplar policopiado disponível em PDF em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2332581/>, 7 Janeiro de 1911

DE SOUSA, Gomes, *Meio Século de Vida Militar 1888 – 1938*, Coimbra, Coimbra Editora, 1938

TEIXEIRA JUNIOR, José Maria Rodrigues, *A cholera: impressões da epidemia da Madeira de 1910-1911. Noções d'epidemiologia*, Dissertação Inaugural para a Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, exemplar policopiado disponível em PDF em <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/17489>